

# Os Intelectuais e a Guerra

RUBEM BRAGA

Eu gostaria de pedir aos intelectuais brasileiros, amantes de assinar manifestos, um pouco mais de calma e raciocínio em relação à guerra no Oriente-Médio. Compreendo muito bem a simpatia pelos judeus; nem seriam necessárias as monstruosidades praticadas por Hitler para explicar essa simpatia; bastariam a fascinação e a gratidão pelo que os judeus têm feito e fazem no terreno da literatura, das artes e da ciência no mundo moderno. É espantosa a dívida da nossa cultura para com eles.

Estamos, entretanto, diante de um conflito de paixões nacionalistas e religiosas, que a geografia, a história e a economia sustentam e agravam — e diante do qual a nossa única posição é permanecer neutros e, dentro da modéstia de nossas possibilidades, lutar pela paz.

Pelo próprio fato de ser anti-racista, de julgar o racismo a pior praga e a pior vergonha da humanidade, sempre tive o maior carinho pelas grandes vítimas dessa paixão irracional que são, em nosso tempo, os judeus e os negros. Compreendo que, reagindo contra a perseguição, eles, aqui, ou ali, se exaltem e se apaixonem, e por sua vez se façam, de certo modo, racistas. Mas compreender é uma coisa e aderir é outra.

Quero dar, aqui, um exemplo dessa distorção emocional, que seria pitoresca, se não tivesse raízes em tantas tragédias.

Alberto Dines, editor-chefe do «Jornal do Brasil», é o tipo do jornalista moderno e eficiente, formado dentro das tradições objetivistas da melhor imprensa americana. Não duvido de sua honestidade. Duvido, entretanto, de sua capacidade — ou, para ser mais positivo — afirmo a sua incapacidade de se comportar como um brasileiro qualquer diante de um fato que envolva os interesses israelenses.

Já tinha, neste sentido, uma curiosa experiência, que não cabe recordar aqui. Vejo agora o artigo em duas colunas que mandou de Paris para o seu jornal. Ali se diz que dez governos árabes estão «unidos pela baderna». Ali se escreve que «pela primeira vez os liberais, os intelectuais e mesmo certos setores de esquerda não encontram na URSS o eco de suas aspirações» — esquecendo-se dos repetidos protestos de toda essa gente contra o esmagamento da insurreição húngara, a perseguição a intelectuais soviéticos etc. Ali os povos árabes são chamados de «turba árabe». Ali se avançam banalidades emotivas deste tipo: «O mundo está assistindo emocionado a uma epopéia digna de figurar nas páginas da Bíblia. A luta admirável do povo e dos soldados de Israel contra os governantes árabes é uma das situações mais heróicas que à nossa geração foi dado assistir» — isso no instante em que Israel, cuja superioridade militar é evidente, por ter armamentos iguais ou superiores ao inimigo e, além de perfeita unidade, comando, quadros e tropas de um nível intelectual e técnico muito superior, conquista com previsível facilidade, suas primeiras vitórias.

Ali se fala do «carnaval cívico» de Paris, de «garótas francesas de mini-saia carregando o estandarte azul e branco de Israel» e se afirma que Paris «também sabe vibrar em favor das grandes causas» porque «agora mesmo, em pleno Champs-Elisées, uma caravana de mais de cem carros, buzinando, berrando, cantando, acordou a cidade».

Isto, evidentemente é dar uma importância especial e transcendente a uma passeata automobilística, com a distorção sentimental característica.

Isso tudo tem seu lado simpático, ou pelo menos explicável, mas, como elemento humano de um povo que procura dar uma altitude humana aos problemas da humanidade, não deixarei de pensar que aqueles «turbas árabes» são povos de vários países, gente como nós, com dramas sociais e nacionais antigos e graves, que lutam de maneira certa ou errada pela sua afirmação e pela sua libertação, que tentam com armas precárias a batalha do desenvolvimento, que também têm, como os judeus, aqui no Brasil, seu sangue misturado ao nosso sangue e sua vida à nossa vida, e que merecem o mesmo respeito que os judeus ou os negros ou os javaneses, ou os suecos ou os sergipanos...

DN. 8.6.67

245